**Reflexões sobre o Congresso da IPA 2017, Buenos Aires; Intimidade, testemunhos, insurreição**

Duas exposições culturais em Buenos Aires aprofundaram e marcaram minha experiência. Antes do Congresso, a visita ao espaço de Memória e Direitos Humanos - ex ESMA (Escola de Mecânica da Armada), o centro de detenção clandestino, a câmara de torturas, e o lugar de desembarque dos desaparecidos. Subsequentemente, a exposição *Soulèvements (Uprisings/ Insurreições),* sendo seu curador o teórico cultural e historiador da arte Georges Didi-Huberman para o Jeu de Paume em Paris e trazida ao Museo da Universidade de Três de Fevereiro em Buenos Aires. Permanecem em mim imagens, destas exposições, que não podem ser apagadas, que na minha mente enquadram o Congresso.

O comovedor trabalho central de Adrienne Harris "*The tank in the bedroom”* (IJP 2017:98), nos lembra que a intimidade, o tema do Congresso, se encontra afetada por forças traumáticas que são históricas e culturais. Esta temática foi recorrente no programa. Ira Brenner, ganhador do Hayman Award por seu trabalho sobre o Holocausto e o Genocídio "*The last witnesses, learning about life and death from aging survivors”,* compartilhou seu trabalho com sobreviventes, alguns dos quais somente agora, aproximando-se do fim de suas vidas, falam a respeito do que testemunharam. Em outra sessão, David, Mara e Samuel Gerson apresentaram um trabalho por e sobre as novas gerações de famílias de sobreviventes que transformam o trauma transmitido intergeracionalmente. Um dos últimos painéis foi com as *Abuelas de Plaza de Mayo*, as avós dos desaparecidos. Para mim, a intimidade de ser testemunha e de relembrar se refletiu durante o Congresso.

**ESMA:** O lugar, uma ex Escola Naval em Buenos Aires, segue sendo considerada uma cena de crime. O cassino dos oficiais foi convertido em prisão, como uma velha casa que é reformada às pressas em apartamentos desprezíveis. Os suspeitos de serem subversivos eram levados para serem interrogados e torturados. As cortinas pesadas e a música em alto volume ocultavam a crueldade que ocorria lá dentro dos cadetes que estavam treinando ao lado, e da barulhenta comunidade logo em frente na Avenida del Libertador. Não pude ler os rótulos escritos em espanhol nas paredes, e me senti golpeado pelas imagens de sofrimento, sem contar com qualquer texto de processo secundário que me pudesse sustentar. A última habitação, no sótão, era um lugar lúgubre e macabro, aonde as pessoas eram sedadas e subidas aos aviões dos quais logo eram jogadas ao Rio da Prata, muitas vezes ainda conscientes. Nessa habitação havia uma parede com fotos de rostos atormentados, que logo assumi eram as vítimas, mas não, eles eram os torturadores! Uma jovem amuada, um homem nervoso, uma mulher que poderia ser a avó de alguém, nenhum selvagem entre eles, indistinguíveis dos rostos de suas vítimas. Um prisioneiro, com o trabalho de fazer as fotos das carteiras de identidade dos torturadores, havia contrabandeado duplicatas, um valente ato de testemunho. Eses eram os “responsáveis” da ESMA, palavra que Adrienne Harris cita do novelista uruguaio, e sobrevivente da opressão, Carlos Liscano, como utilizada para descrever os torturadores, indicando a aterrorizante mas íntima conexão com suas vítimas.

***Uprisings/Insurreições:*** Depois do Congresso, alguns de nós fomos caminhar com um colega pela ribeira, desde o Hilton até a profunda e provocadora exibição de Didi-Huberman, que não tinha idéia que estava em Buenos Aires. Didi-Huberman tornou-se conhecido aos psicanalistas como o autor de "*A invenção da histeria de Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière".* Insurreições é uma exibição multidisciplinar de “gestos humanos que insurgem o mundo ou se insurgem contra o mesmo”. A dramática iconografia abarca diversos meios e está dividia em seções: Elementos (Desencadeados); Gestos (Intensos); Palavras (Exclamadas): Conflitos (Acesos); Desejos (Indestrutíveis). Algumas das imagens mais poderosas já haviam sido objeto de uma obra prévia, "*Imagens apesar de tudo: quatro fotos de Auschwitz”*, baseada nas únicas fotos conhecidas que mostram o processo do assassinato em massa nas câmaras de gás. Estas fotos raras foram tiradas clandestinamente por um prisioneiro judeu, que era forçado a participar nas atrocidades, e membros da resistência contrabandearam os negativos. A explicação de Didi-Huberman destas terríveis imagens acendeu um acalorado debate acerca da representatividade do Holocausto, com Didi-Huberman argumentando que estas imagens irrefutáveis são um ato potente de resistência que deseja e merece nosso reconhecimento. “Mas a potência sobrevive ao poder. Freud disse que o desejo era indestrutível. Mesmo aquelas pessoas que sabiam que estavam condenadas (nos campos, nas prisões) buscavam qualquer meio possível para transmitir um testemunho ou um grito de ajuda”.

A exibição me lembrou as insurreições da minha juventude e a necessidade atual de resistência. Também me lembrou da natureza radical da psicanálise. Ted Jacobs conta uma história sobre uma jovem paciente, nos anos 60, que se apresentou dizendo “Me interessa elevar a conscientização, e a você: o que lhe interessa?” A espontânea resposta de Ted foi: “Eu estou interessado em elevar a inconscientização”. Tal como o estamos todos. A análise é uma insurreição. Como analistas somos testemunhas, imaginamos o inimaginável, e fazemos o cuidadoso e esmerado trabalho de ajudar a pacientes a representar ou falar de suas experiências. Isto é insurreição em escala individual. É um “contra” a opressão e a repressão, é uma expressão do desejo indestrutível que acumulativamente expressa a *‘Freiheitsdrang'* de Freud. “O que é sentido em uma comunidade humana como ‘um desejo de liberdade' pode ser sua revolta contra alguma injustiça vigente, e assim, pode favorecer um desenvolvimento ulterior da cultura.”(*O mal estar na cultura)*

Os fotógrafos clandestinos de Auschwitz e da ESMA, condenados mas não submetidos, contrabandearam suas potentes imagens, apesar do grave risco de acelerar sua morte. Insurgindo-se com uma arremetida em direção à liberdade, pedindo ao observador que seja testemunha e transmita sua mensagem. Em nossos consultórios, nossos pacientes também se insurgem, apesar de seus conflitos e seu desespero. É nossa responsabilidade receber e transformar suas mensagens, e ao fazê-lo nos damos conta do potencial revolucionário da psicanálise.

Naqueles tempos difíceis era um consolo estar com colegas de todo o mundo compartilhando valores humanitários e apoiando uns aos outros. Agradeço aos organizadores do Congresso, a muitos de nossos colegas, e a todos aqueles cujos testemunhos fizeram que este encontro uma tão poderosa insurreição.

Bill Glover,

San Francisco, Agosto de 2017

(Traduzido por Maria Cristina Garcia Vasconcellos)